

Livros

livros@timeout.pt

“Há tanta dor que as pessoas varrem para baixo do tapete”

Se é desses que gosta de ignorar a dor, não comece a ler o novo romance de Sandro William Junqueira, *No Céu Não Há Limões*. **Catarina Homem Marques** aventurou-se num território impiedoso e falou com o escritor, **David Clifford** fez o retrato.

Porque é que todas as personagens do livro acabam por dizer "presta atenção"?

Percebi que era uma história complexa. Começou-me a parecer um bom sinal para passar ao leitor. É um piscar de olho. Tive medo, durante o processo, de nunca conseguir contar aquilo que queria. **Quando começaste já tinhas os nós todos na narrativa?**

Tinha só duas imagens. Uma velha a sair de casa de socas, pelo carreiro, ir até um limoeiro fazer chichi e cair um limão que ela leva para casa. E um padre a entrar no mar, a pegar no colarinho e a mandá-lo para longe. A partir daí comecei a perceber que eles não estavam no mesmo lugar. Gosto de me perder e perceber como as personagens reagem perante as circunstâncias. Há uma questão no livro: qual é o lugar certo para pertencermos? E temos a humanidade num momento histórico de indefinição. Não é por acaso que os mercados pedem previsibilidade.

Por isso é que começa logo com o recurso a uma vidente?

É o Ogre que vai lá, a pessoa que detém o poder. Não quero fazer livros só como resposta às leituras que faço. Aqueles livros bem-comportados. Interessa-me também fazer livros por dentro da vida. Quando escrevo é tudo muito visual e físico, e de alguma forma tento conseguir que o leitor esteja dentro do quarto, num canto, a ver tudo. Ter o leitor o mais perto possível. Mexer com a cabeça mas também desassossegar o corpo.

Quando estás a escrever também reages fisicamente?

Sim, muito. É isso que eu quero fazer. Não quero fazer só histórias bem contadas, intelectuais.

Não te interessa?

Interessa, mas eu não sou esse escritor. Se quisesse escrevia assim, mas não quero. As missivas do Bispo Auxiliar que estão no livro são para dizer: também posso escrever assim mas não é isso que quero. Gosto da ideia do livro malcomportado, que vai sempre ao limite, que procura as zonas mais sujas e escuras. Há tanta dor e sofrimento que as pessoas varrem para baixo do tapete. A resistência à dor não nos torna melhores mas talvez nos torne mais profundos.

Há uma guerra física no livro, mas é também espiritual?

É uma leitura muito boa. O conflito entre o espiritual e a carne é a luta do homem. É permanente e eterna. O que me interessa é a dicotomia. Gosto muito de pessoas e emocio-no-me com estas dualidades, com essa fragilidade.

É pela dicotomia que o livro se divide entre Norte e Sul?

Gosto muito de me perder nos livros, como já disse, mas é bom ter uma bússola. Há alguma coisa que te situa. Ontem é que o Zeferino Coelho [editor da Caminho] me perguntou se o livro se passa na Ucrânia, mas estava longe de pensar nisso. Talvez seja a intuição artística que apanha a realidade.

É o real que traz uma presença tão forte da orfandade ao livro?

No fundo somos todos órfãos. O facto de teres mãe e pai, independentemente do vínculo, não faz com que não estejas sozinho. Não temos fuga. O Instituto da Orfandade Unificada estende isso até ao fim. E estamos de novo a falar do tal sentimento de indefinição. O Funcionário a quem a mulher desaparece também ficou órfão. Ou a miúda com o gato. Todos estão na luta de perceber onde pertencem.

Interessa-te questionar as estruturas que nos dizem o que podemos ou não fazer?

É como a construção que faço dos livros. Como quem constrói um edifício. Isso é o meu fito. Quando escrevi *O Caderno do Algoz*, percebi que era um livro inacabado. Estou a perceber que estou mesmo a construir um território, uma Pangeia. Talvez um dia possa fazer um mapa com estas cidades todas. Até porque a questão temporal nunca se percebe bem. Aparecem burros e logo depois helicópteros.

Parece uma sociedade avançada e depois o telefone é uma invenção incrível.

E eles jogam xadrez ao telefone. De repente: "Qual é a jogada?". Os telefonemas deixam o leitor um bocado perdido. Isto é também uma reflexão sobre a distância, como naquela frase em que o Funcionário diz que a distância não existe para os poderosos. A distância está sempre presente, seja nos 1123 quilómetros que separam a Avó do Padre ou nos 50 centímetros que separam o Padre e a Adolescente.

Porquê? Sentes-te longe de alguma coisa?

Isso será para os investigadores. Mas claro, digo sempre que sou um provinciano, vivo no Algarve. Estou afastado. Mais do que os quilómetros, são 50€ de gasóleo para chegar a Lisboa. Mas é magnífico e assustador

termos eliminado a distância: se queres fazer mal a alguém, pode ser por telefone. As grandes jogatanas da sociedade fazem-se assim. Além disso, eu nasci na Rodésia e nunca fui lá, sinto esse vazio.

E aqui no livro é quase tudo decidido ao telefone.

Toda a vida do Padre é controlada assim, à distância. A vida dele é uma encenação. Ele está ali cheio de dúvidas, e depois percebes que é tudo um plano e ele nunca teve hipótese de tomar uma decisão. Foi sempre conduzido. É terrível.

Escolheste os limões porque são amargos?

Gosto mesmo de limões. A minha mãe comia limão à dentada quando estava grávida de mim. Gosto do limão porque é azedo mas depois deixa uma sensação doce no fim. E descobri que o limão é o Adão dos frutos, o mais antigo. A alimentação é sempre importante nos meus livros.

Sempre como moeda de troca?

Vem gente do Norte com guloseimas e no Sul dão o sangue para ajudar a salvar as vidas dos inimigos que lhes estão a matar os familiares. Quando não tens nada, ficas mais animal. Neste livro é de sobrevivência que se trata. Todos querem sobreviver.

De tal forma que acompanham a guerra pela rádio, como um relato de futebol?

A guerra é esse vazio de humanidade. Banaliza-se. Passa a importar o resultado. O livro tem esses momentos de comichidade. Quando estás no fio, que é onde eu gosto de trabalhar, tanto te pode dar para as lágrimas como para a gargalhada. E o que o Beckett sempre fez, e eu gosto tanto dele. Dá-te o soco e depois faz-te rir. E há pessoas que, quando estão num riso profundo, nem percebes se estão a rir ou a chorar. E vice-versa. É essa linha tênue que me interessa.

A tua faceta de encenador às vezes toma conta do escritor?

Acontece. O teatro é uma grande paixão da minha vida. Nas peças do Tchekov, se lês o texto parece que não se está a passar nada. Mas no meio daquela banalidade começa a sentir que a qualquer momento alguém pode dar um tiro na cabeça. Tenho uma escrita muito visual, é-me natural. A minha dificuldade em falar disto tudo, em usar o bisturi – que é o que os jornalistas querem –, é sentir que este meu magma criativo, isto que tenho dentro de mim, se pode perder ao racionalizar. A Clarice Lispector dizia: "Não entender é vasto, nunca acaba". Aquilo que não resolves é aquilo que te alimenta. E é também isso que eu procuro.

No Céu Não Há Limões



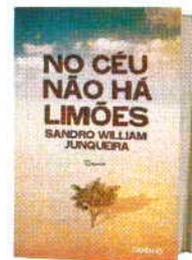
Sandro William Junqueira Caminho, 15,90€

Se a vida dá limões, não é obrigatório fazer só limonada. Também é possível usar os limões para começar um romance. Ou, em concreto, entregar os limões a uma vidente, deixá-la parti-los ao meio com um cutelo, remexer-lhes as entranhas cítricas e a partir daí lançar a profecia que se transforma em novela imparável.

Não importa o que não se entende daquilo que a Velha diz ao Ogre – o todo-poderoso – logo no início do livro, e que a conversa sobre corações e porcos não faça logo sentido. Andar atrás do que não se percebe faz parte do jogo, adensado por telefonemas com ordens, jogadas de xadrez, missivas elaboradas, orfandades várias e incertezas sobre órgãos e entranhas mais emocionais.

A avançar um pouco mais pelo território desconhecido e inóspito que já era central em *Um Piano para Cavalos Altos*, à força de catanadas que são afiadas por frases curtas, dores que não se escondem e imagens que quase se tocam, desbrava-se um espaço dividido entre Norte e Sul. Mais do que isso: dividido entre poder e subjugação, entre crises de fé e crenças profundas, entre jogos mentais e uma carne que não se controla, tudo jogado em pólos que são imanes de frente e verso – ora se atraem, ora se empurram.

No coração de tudo (aqui Terra do Meio) está a guerra. Essa que está sempre longe mas que domina tudo e que neste mundo se segue pela rádio como um relato de futebol. Um duelo de forças que é músculo, que é cérebro, que é flor da pele, e do qual autor e leitor saem sempre a ganhar. Arranhados e exangues mas absolutamente vitoriosos. *Catarina Homem Marques*



Gosto da ideia do livro malcomportado, que vai ao limite e procura as zonas mais escuras.

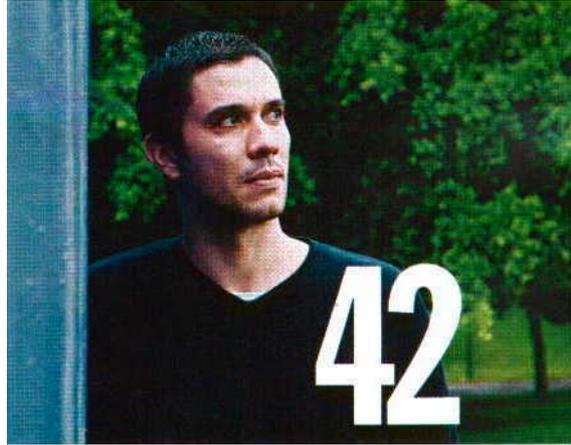


Se a vida nos dá limões, não temos de fazer apenas uma limonada.
Na página 42 apresenta-se uma alternativa muito mais ácida.



ID: 54423745

18-06-2014



Livros

Entrevista a Sandro William Junqueira.